

Pontos para avaliação da greve

1. A greve de 2012 das Universidades Federais teve várias características que não se apresentavam em nossas greves há muitos anos. Há muitos anos não contávamos com todas as universidades paralisadas; há muitos anos não vivíamos um movimento com tal apoio entre professores e burocracia universitária; contamos, ainda que timidamente, com apoio da mídia; o PROIFES conheceu seu momento de mais profundo isolamento, sendo possível que não se recupere do golpe sofrido. O ANDES, por seu lado, recuperou sua legitimidade frente à totalidade da categoria dos professores. Além destes ganhos, importantes e significativos, somam-se ainda o que é comum em movimentos com tal extensão, como o avanço da consciência de setores mais ou menos significativos dos professores, técnicos e estudantes, o surgimento e consolidação de novas lideranças, o avanço da luta em universidades periféricas, nas quais a luta sempre teve maiores dificuldades para ser implementada. Não é de se duvidar que uma longa lista de avanços deste tipo possa ser coletada – são avanços reais e que podem ser mais ou menos significativos, dependendo do avanço da conjuntura e de fatores outros, na maior parte das vezes a eles externos (crise geral do sistema, crise política nacional, esgotamento das lutas econômico-reivindicativas se houver uma retomada da luta de massas, etc.).

2. Apesar de todos estes aspectos positivos, a greve foi derrotada. O principal móvel da luta, uma carreira qualitativamente melhor para os professores, saiu derrotada – independente das negociações e eventuais alterações que a proposta imposta pelo governo venha a receber nas próximas semanas. Esta derrota é ainda mais significativa porque ocorreu em um contexto em que o ANDES contou com o maior potencial de força que pode ter – todas as universidades no movimento e unidas ao redor da pauta proposta pelo ANDES. Ainda assim, não foi capaz de evitar esta derrota. Seria sensato reconhecer que a estratégia seguida pelo ANDES sofreu esta derrota apesar de contar com toda a base mobilizada: a estratégia de se fazer greves nas Universidades para pressionar Brasília exibiu todo o seu limite.

A estratégia

3. Desde há décadas, as greves lideradas pelo ANDES se caracterizam também pelo fato de serem greves nos Campi em todo o país, mas o campo de batalha quase exclusivo, sempre muito preferencial, são os corredores do Congresso Nacional. Como o Congresso e seus integrantes dão a verdadeira dimensão do nosso peso na reprodução da sociedade quando das nossas lutas, apenas conseguimos alguns avanços em momentos muito específicos e pontuais. Na maior parte das vezes, nossas reivindicações são solenemente ignoradas pelos ilustres congressistas. Nosso erro está em insistir nesta estratégia, como se ela estivesse dando certo.

A razão do apego a tal estratégia apesar das derrotas passadas e, agora, mais esta, está na concepção politicista, democrático e pequeno-burguesa, da direção do ANDES. A luta, para eles, não passa pelos campi. Por isso a direção da greve não sai de Brasília, por isso a nossa sede em Brasília, por isso todo o centro da luta tem por único foco, Brasília. Nossa verdadeira força apenas aparecerá quando as lutas se desdobrarem no interior dos campi, quando formos capazes de impor derrotas ao produtivismo e às privatizações nos nossos locais de trabalho. O que é possível em parte também devido ao estatuto combalido mas ainda em vigor, da autonomia universitária.

Uma luta no interior das universidades contra o produtivismo e o privatismo, contudo, colocaria o ANDES em confronto com a quinta coluna governista em cada campi – um horizonte de luta que não é mais possível para o ANDES atual, devido ao que discutimos no ponto 5.

O programa da greve

4. O que definiu o horizonte da greve e foi o momento predominante de toda a sua evolução – até a impotência em se responder ao projeto de carreira imposto pelo governo – foi o abandono do confronto em toda a linha com o fundamental do projeto privatista e produtivista que nos vem sendo imposto desde a era FHC. Pela primeira vez em muitos anos, o ANDES aceitou as novas regras do jogo. O projeto neoliberal para as nossas universidades é tomado como um fato. O que devemos fazer é lutar *por dentro* deste projeto para melhorar as condições salariais e de trabalho dos professores. Dado a falta de limites do governo petista na implementação da agenda neoliberal, mesmo a burocracia universitária, os professores favoráveis ao produtivismo e às privatizações, enxergaram sentido em impor um limite ao novo regime de trabalho que vem sendo imposto às universidades. A unanimidade ao redor do ANDES não foi sem preço: apenas foi possível porque nosso sindicato abandonou a postura de confronto com os fundamentos das políticas neoliberais em troca de uma postura mais moderada, de oposição propositiva: queremos melhorias, mas não questionamos mais a totalidade do projeto neoliberal. E não adianta nada o discurso de que ao questionarmos o regime de trabalho dos professores questionamos a totalidade do sistema universitário neoliberal, pois do discurso à realidade há o fato de que é possível a manutenção do projeto neoliberal para as universidades dando algumas melhorias nas condições de trabalho aos professores.

4a. Além de derrotada economicamente, a greve ainda marca uma derrota histórica para os professores. Marca a entrada do ANDES no Partido da Ordem. Que esta entrada se dá de forma radical, com um discurso aparentemente incompatível com o petismo, é mero detalhe que logo será removido: a eficiência sindical neste novo horizonte requer – e irá promover – a domesticação não apenas da prática, mas também do discurso. A greve, deste ponto de vista, é a passagem do ANDES ao Partido da Ordem: com um detalhe significativo, com apoio de massa. A domesticação de sindicatos com o apoio de sua base é um fenômeno social largamente conhecido, não é preciso que nos detenhamos neste particular, aqui.

5. A concepção politicista, democrático e pequeno-burguesa que sempre marcou a tática de luta do ANDES encontra agora a sua expressão na migração do nosso sindicato para o campo da oposição propositiva ao neoliberalismo petista. A crítica da tática (greve nas universidades, "luta" em Brasília) está muito para além do universo ideológico dos nossos dirigentes; bem como a crítica superadora de sua migração para o Partido da Ordem.

UFAL e ADUFAL

6. A greve entrou na UFAL em um momento em que nosso sindicato local nunca esteve tão desprestigiado (ainda que com uma sólida base conservadora) e em que a burocracia universitária enfrentava crescentes problemas, desde as misérias da interiorização por ela realizada, como também de insatisfação junto aos seus trabalhadores quanto às medidas produtivistas que eram impostas a cada ordem que vinha de Brasília. A explosão da assembleia da greve de 5 dias, no ano passado, mostrou quão tensa estava a situação.

Uma greve no interior do projeto neoliberal, que não questiona a essência, mas apenas requer ajustes possíveis (possíveis para tal essência) deste mesmo projeto, foi muito bem-vinda. Possibilitaria a ADUFAL voltar a se articular com o ANDES nacionalmente no campo da oposição propositiva e, à burocracia, apoiar a greve trazia ganhos políticos imediatos sem abalar o avanço das privatizações e do produtivismo que lhe interessam. A incompetência da diretoria da ADUFAL em aproveitar este momento fez com que seus ganhos fossem muito menores do que os possíveis. Mesmo assim,

possibilitou o surgimento de um meio-de-campo de novas lideranças que poderão servir de renovação da direção da ADUFAL em tempos de aliança com o ANDES ao redor de lutas econômicas e particulares. Esta renovação da ADUFAL é necessária e possível mesmo para os setores mais conservadores. E os limites desta renovação estão dados, plasticamente, na impotência no comando de greve em confrontar a reitoria quando Eurico se negou a vir ao encontro em que foi convocado. O questionamento dos poderes locais na implementação do neoliberalismo será radical – no discurso. Será bem mais negociável, no papel. E, se e quando e houver negociações, não colocarão em cheque a estrutura de poder local na UFAL.

Também é verdade que situações como as de Viçosa, Arapiraca, etc. são tão graves que limitaram a recuperação do prestígio da alta burocracia da UFAL – ainda assim, a reitoria com o apoio da ADUFAL e a impotência do comando de greve, conseguiu evitar que os professores se mobilizassem ao redor de uma pauta local. Esta a maior vitória da reitoria.

7. O movimento grevista caminha a um final melancólico. Nem poderia ser diferente: exibiu toda a impotência dos professores federais sob a atual direção do ANDES e, localmente, não conseguiu sequer questionar os desmandos dos poderes locais. O governo saiu fortalecido e, localmente, os conservadores passaram pela greve com ganhos não menos importantes: a renovação domesticada da ADUFAL, evitou-se o confronto com a reitoria e não abalou os poderes nem a correlação de forças locais. Terminada a greve, a alteração mais significativa na nossa vida profissional será o desconforto do calendário para cobrir as aulas não dadas.

Onde erramos

8. Erramos ao não aproveitar o movimento de greve para nos fortalecer onde poderíamos nos fortalecer. Não tínhamos qualquer possibilidade de influenciar no andamento geral da greve. Os limites político-ideológicos e estratégicos do ANDES, a renovação domesticada da ADUFAL e o não-confronto com os poderes locais eram tendências que já se anunciavam na abertura da greve. Nós não tínhamos qualquer possibilidade de reverter tais tendências. Nossa atuação nas Assembleias e nas ações de massa (manifestações, etc.) foram perda de tempo um tempo precioso. Quando contribuímos (na luta pela prestação de contas da ADUFAL, por um documento mais consequente para ser entregue à reitoria na audiência que não houve, etc.), foi apenas para qualificar melhor a renovação domesticada da ADUFAL. Os gramscianos tinham o que fazer nesta greve: disputar com os burocratas da ADUFAL e da reitoria um lugar ao sol. Nós, que não nos interessamos por este terreno, nada tínhamos a fazer a não ser, talvez, na sua etapa final.

O que poderíamos fazer, e não fizemos, era aproveitar o espaço aberto na vida cotidiano para fortalecermos teoricamente o grupo de professores e alunos que se aproximaram nos últimos meses: um estudo conjunto, várias horas por semana, de um texto como o do Claudin poderia ter nos proporcionado momentos muito ricos de reflexão teórica sobre nossa história passada como comunistas e de nossa realidade presente (nosso ANDES indo para o campo da oposição propositiva, etc.). Poderíamos ter nos apropriado de um pouco da nossa história como comunistas, com tudo o que isto significa de fundamental na formação do nosso grupo. Isto poderia ter possibilitado que, ao final da greve, com um acúmulo desta ordem, pudéssemos comparecer às Assembleias com uma crítica e análise qualitativamente distintas a que hoje somos capazes e, quem sabe, deste modo atrair mais alguns professores e alunos para a esquerda. Nem isso, contudo, conseguiremos fazer: dispersamos e gastamos nossas forças em um terreno que não possibilitaria acumular. Aqui a essência do nosso equívoco.